







Copyright © Fábrica de cânones, 2024.  
Só não atirei porque era meu pai © Eduardo Guimarães, 2024.



**Editor**

Eduardo Guimarães

**Preparação e edição**

Geruza Zelnys

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

Luyse Costa

**Imagem de capa**

Adaptação das obras: Carne fatiada: território em acordo 1; e CADERNOS de uma montanha de papel, de Lana Moraes.

**Revisão**

Guilherme Sakai

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Guimarães, Eduardo

Só não atirei porque era meu pai / Eduardo Guimarães. – São Paulo, SP :  
Fábrica de Cânones, 2024.

352 p. : il., color.

ISBN 978-65-85148-13-9

1. Ficção brasileira I. Título

G977s

CDD B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Fábrica de cânones  
R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana  
CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil  
Tel: (11) 98338-2314  
@fabricadecanones  
fabricadecanones.com.br

O ponto final para um autor é escolha e sacrificio.

Geruza Zelnys, A Escrita Curativa.

À minha mãe Rosa, minha avó, Antônia, minha tia, Leila,  
meu tio, Luis, meu pai Celso, meu padrasto, Diogo, meus  
primos Leandro, Carolina e Maria Luisa, minha tia Solan-  
ge, minha família, meus irmãos Mateus, Tatiana, Douglas,  
Amanda e Andreza, aos meus amigos e amigas, que são mi-  
nha família expandida, e à G, sem quem

nada  
seria  
possível

## **Genealógica**

meu pai teve  
6 filhos com  
sete mulheres

deve ter sido  
um cara de  
despedidas

engraçado

não lembro de  
meu pai ter  
se despedido  
de mim



Estou no seu velório e não conheço quase ninguém.

É ridículo, não é? Sinto a boca seca, as mãos suadas dentro da calça. Esse salão branco, os pisos claros e o seu caixão ali no fundo. Vejo a Beta, ela está falando com uma pessoa que não sei quem é. Aceno com a mão, mas ela não vê. Meus olhos estão embaçados.

Sônia se aproxima e as pessoas observam enquanto ela me abraça. É como se soubessem. Que bom que você veio, ela diz. Sinto os olhares me queimando a pele, e a última coisa que preciso é disso, desses olhares queimando a pele. É difícil. Ainda que não me conheçam, é como se fossem avisadas, esse aí também é filho.

Tento agir com naturalidade, alinho o corpo, a camisa. Olho Beta mais uma vez e me aproximo. O caixão, e Beta, os olhos vermelhos, ela continua linda. Não sei por que, mas me lembro do dia em que a espiei.

Foi lá na chácara. Desci aquelas escadas de caracol só até a metade, e ela, no andar de cima, ficou no quarto. Então subi de volta, devagar, e vi quando ela tirou a camisa e o sutiã para colocar um moletom ou algo assim. Os seios firmes pareciam duros e pontudos. Acho que nunca poderia te contar isso, seria estranho demais. Mas nunca me esqueci dessa cena.

Ai, meu irmão querido, ela diz agora, e me abraça.

Sinto o corpo de Beta tremer com o choro. Não é fácil, eu sei, não é fácil, eu digo, e nos desatamos. É desengonçado

partilhar a dor quando não há intimidade. Sobra pouco para falar. Não demora e aviso que vou pegar água. Meu estômago arde. Preciso respirar.

Sinto-me só, atravessando o salão.

Tomo cuidado para não esbarrar em ninguém, mas algo esbarra em mim. Não demoro a reconhecer, é Fernanda, uma prima que vi poucas vezes e nem sei direito por que é minha prima. Ela continua com uma pinta no nariz e a cara cheia, só que mais velha, umas rugas em volta dos olhos. Acho que a última vez em que a vi foi quando fomos ao cinema ver um filme de dinossauros. Eu, ela e Beta.

Digo oi, e estendo a mão. Claro que me lembro de você, eu falo, e não tenho muito a dizer. Ela pergunta como estou, respondo que bem, mas se fosse pra dizer a verdade seria que estou desesperado, e ninguém quer ouvir coisas como essa, ainda mais se ela soubesse o motivo. Acho que Silvia tem razão. A maioria das perguntas sequer são perguntas.

Coloco a mão no bolso, e Fernanda diz que nunca imaginou que algo assim pudesse acontecer. Com certeza foi um acidente. Respondo que sim, que é difícil. Eu também nunca imaginaria. Olha, é bom te ver de novo. Vou ali pegar uma água.

Estou na entrada do velório. Sinto um peso na nuca e nas costas. Minha cabeça dói. Tento beber água, mas não quero, e é difícil ficar com as mãos vazias. 14h57. Preciso ir logo.

Volto ao salão.

Tem pouca gente, passo direto, olhando o chão, e finalmente estou aqui, ao seu lado. É estranho. De algum modo, me sinto próximo, como se atravessado por você, e acho que isso é algo que nunca senti.

Nem quando fiquei te olhando dormir com aqueles óculos marrons que você usava e que fazem seus olhos parecerem pequenos. Sim, eu te vi no sofá com a cara caída e os óculos tortos, uma respiração funda depois do almoço, e não poderia me aproximar e tirá-los para você. Teria medo de que acordasse, e não tenho ideia de como reagiria, nem de como você é quando acorda.

Não sei por que estou pensando nisso.

Só sei que agora, é estranho pensar em ausência enquanto olho o teu caixão. Ele tá aqui, e, até que seja movido, ficará aqui. Mas é algo abandonado, que não me lembra você. A Paula tem razão, eu penso demais, já fui pior, mas, ainda assim, penso demais. 15h02. É pouco tempo. Sinto culpa, alívio, e não consigo te desculpar, mesmo você estando morto. Sim, na verdade, a culpa é sua, que tipo de pessoa faz isso? Como você pode ter feito isso? Minha vontade é de virar essa merda e te chutar como se não fosse nada. Não era isso que você queria? Que ódio. E o foda são as pessoas aqui, a Beta, pior se ela vier falar comigo, como é que vou fazer?

Nossa.

Tá difícil.

Outro dia a Silvia escreveu que *a morte é um beijo de muitas línguas*. Mas olhando agora, não parece isso. Ela só parece tão solitária quanto a vida. Não. Não vou chorar. Vai ser pior. A madeira, esse véu, nem sei por onde começar. Não dá. Vou embora, é só passar o salão, a porta.

Não.

Não posso ir. Não tem jeito. Preciso tocar o teu corpo. Preciso saber o que aconteceu,

pai

EDUARDO GUIMARÃES

SÓ NÃO  
ATIREI  
PORQUE  
ERA  
MEU PAI

1ª Edição | São Paulo | 2024

 **Fábrica**  
de cânones



Tudo começou quando.

Juno não sabe bem quando tudo começou. É difícil dizer. Paula.

Teve o dia em que ele estava no chuveiro, olhando pelo vidro e passando a mão para tirar o vapor. Paula está nua do lado de fora e começa pelo pescoço, depois os seios, a barriga, ela passa creme nas pernas e então para, se levanta e olha para ele. Que que foi, Ju?, ela pergunta, e ele a observa, e se esfrega sob a água, a bucha, o sabonete, os olhos marrons de Paula, é ela, não há o que fazer, isso está resolvido.

Nada, tava olhando como você é bonita, ele diz, e o rosto dela se ilumina. É ela. Posso continuar rodando, e rodando, outros corpos, outras histórias, mas na verdade isso parece redundante. Como se fosse girar e girar para, no máximo e talvez, encontrar o que já tenho aqui.

Paula gosta de Juno. Tem o mau humor dele, a rabugice, a introspecção. Ele pode ser difícil. Ele é difícil. Mas gosta dele, como se conhecesse os pontos e pudesse aceitá-los. Lidar com eles. Juno tem fome, os olhos dele brilham quando se depara com uma novidade, uma ideia. E com ele parece

que as coisas nunca seguem um curso normal ou previsível. Ele se guia pelo desejo, e gosto disso, uma vida dinâmica. Apesar de que tem vezes que é difícil, muitos altos e baixos, mudança de humor, de comportamento. Ele tem essa energia forte, e, nos dias ruins, é assustador. Para ele tudo vira um drama, não importa o que você faça, e aí, tudo fica ruim mesmo, e você se sente culpada. Como se estivesse pisando em ovos, e fosse culpada por ele se sentir mal. Mas gosto dele, de estar com ele, é difícil explicar. É bom estar, abraçar, funciona, é gostoso. E Paula gosta do sexo com Juno. Do pau, da pele. Gosta de alguma coisa que não sabe explicar e pensa que, se pudesse, se fosse explicável, não seria amar.

Qual o seu maior medo?

Que pergunta é essa?, Juno responde, e pensa um instante com os cabelos ensaboados. Olha para frente, a parede branca atrás do vidro do box, e desenha a visão. De ficar careca, ele diz e coloca os cabelos para trás. Paula dá risada. Mas você não vai ficar careca, Juno.

Você acha? Dá uma olhada, ele fala, e puxa a franja para trás.

Não. Tem um monte de cabelo aí.

Mas você nem olhou, ele insiste. Paula se aproxima do vidro e repara no rosto de algum modo infantil de Juno, umas covas que ele tem quando sorri, e que somem agora, enquanto seus olhos ficam fundos e ele diz, De perder você. Pior do que ficar careca, seria perder você.

Os olhos de Paula ficam grandes, o corpo relaxa, mas logo alguma coisa lhe sobe o peito e o corpo se contrai. Ela não